# Os Purāṇas – as Bíblias do Hinduísmo

Os Purāṇas, por muito tempo negligenciados e rejeitados pela cultura indológica ocidental,[1] sempre ocuparam um lugar central no hinduísmo contemporâneo.[2] De acordo com a tradição purânica Brahmā proferiu os Purāṇas como as primeiras de todas as escrituras; só depois disso ele comunicou os Vedas. Algumas das principais escolas do hinduísmo concedem o *status* de *śruti* a vários dos Purāṇas, atribuindo a mesma idade e autoridade aos Purāṇas e aos Vedas. De acordo com R. C. Hazra, uma grande autoridade no campo, "é difícil dizer definitivamente como e quando os Purāṇas surgiram inicialmente, embora a sua alegação de grande antiguidade, próxima apenas àquela dos Vedas, não possa ser negada".[3] A palavra *purāṇa*, talvez não ainda no sentido exato da época posterior, já ocorre no *Atharva Veda*, no *Śatapatha Brāhmaṇa,* na *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, e em outras obras antigas.[4]

De acordo com Hazra,

> A maneira na qual o *Purāṇa* foi ligado ao sacrifício, bem como aos *yajus* no *Atharvaveda*, a teoria da origem do universo a partir do sacrifício como explicada no *Puruṣa-sūkta* do *Ṛg-Veda,* e os tópicos constituindo as *pāriplava ākhyānas* ou narrações recorrentes no sacrifício *aśvamedha*, tendem a indicar que o *Purāṇa*, como um ramo de conhecimento, teve seu início no período vêdico e se originou na parte narrativa (*ākhyana bhāga*) do sacrifício vêdico, que, nos *Brāhmaṇas*, é identificado repetidamente com o deus Prajāpati, o precursor do posterior Brahmā, o criador.[5]

É dito que todos os *Mahāpurāṇas* existentes, em número de dezoito, com, conforme a tradição, quatrocentos mil *ślokas* no total, têm Vyāsa como seu autor. A análise textual dos Purāṇas é ainda mais complicada do que no caso dos grandes épicos; a enorme massa de material, as alegações sectárias ligadas a um bom número deles, e a grande liberdade tomada por escritores de todas as eras de interpolar passagens nos Purāṇas, fazem qualquer estudo acadêmico sério dos Purāṇas na fase atual parecer uma tarefa quase impossível.

Os Purāṇas, representando as tradições religiosas populares, nunca foram submetidos ao processo de codificação pelo qual passaram os *sūktas* vêdicos, que eram o texto oficial para as funções oficiais do estado e tinham que ser uniformes. Tendo existido por séculos em versões orais, com muitas variantes locais ao mesmo tempo, reduzidos à escrita em tempos muito diferentes sem seguir quaisquer regras estritas, eles provavelmente não podem

---

[1] Segundo o Swāmi Dāyānanda Sarasvatī, o fundador da Ārya Samāj.

[2] Ludo Rocher, como parte dos vários volumes da *History of Indian Literature*, editada por Jan Gonda, publicou uma monografia sobre os Purāṇas que trata da história dos estudos dos Purāṇas, da questão do número de Purāṇas, das controvérsias em torno da divisão entre *Mahāpurāṇas* e *Upapurāṇas*, do debate sobre o "Ur-Purāṇa", e, eventualmente, lista todos os Purāṇas, dando breves resumos dos conteúdos, indicando edições dos textos, traduções e estudos. Veja também G. Bailey, "The Purāṇas", em A. Sharma (ed.) *The Study of Hinduism*, 139-68.

[3] R. C. Hazra, "The Purāṇas."

[4] *Atharva Veda* XI, 7, 24. *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad* IV, 5, 11.

[5] R. C. Hazra, op. cit.

ser apresentados em alguma edição definitiva que tenha significado. Textos purânicos escritos, com muitas variantes, existem há muitos séculos, e algum tipo de texto padrão se desenvolveu, que muitas vezes está disponível em várias edições impressas. Recentemente, a editora de Délhi *Motilal Banarsidass* reimprimiu todos os *Mahā-Purāṇas*, paralelos a uma série de traduções completas em inglês de todos eles. O compromisso da *Kashiraj Trust* ao publicar edições decisivas dos Purāṇas deve ser entendido como uma tentativa de agrupar os manuscritos e edições existentes e estabelecer algum tipo de versão aceita, que contenha o que a maioria dos testemunhos do texto tem em comum. O argumento de L. Rocher contra a possibilidade de edições definitivas é bastante convincente: os Purāṇas não foram feitos para serem livros. Há uma opinião amplamente compartilhada entre os estudiosos indianos que vários séculos antes do início da Era Comum havia uma "*Purāṇa Saṃhitā* original". De acordo com V. S. Agrawala, Lomaharṣana, o professor original do Purāṇa, ensinou a *Mūlasaṃhitā* a seis alunos, os autores das *Parasaṃhitās* de quatro mil a seis mil versos cada, tratando basicamente dos mesmos quatro tópicos, cada uma constituindo um *pāda: sarga* ou criação do mundo, *pratisarga* ou dissolução, *manvantara* ou eras mundiais, e *vaṃśa* ou genealogias. Essa forma original *catur-pāda* é preservada no *Vāyu Purāṇa* e no *Brahmāṇḍa Purāṇa* existentes. Geralmente considera-se que o *Vāyu* chega mais perto do *Ur-Purāṇa* e Agrawala achou que podia recuperar do texto atual do *Vāyu Purāṇa* a *Mūlasaṃhitā* eliminando uns oitenta capítulos espúrios interpolados.

O *Amarakośa*, um antigo léxico sânscrito,[6] define *purāṇa* como *pañcalakṣaṇa*: o que tem cinco tópicos característicos, ou seja, os quatro anteriores mais *vaṃśānucarita* ou histórias sobre os feitos dos descendentes das dinastias glorificadas nele.

O *Viṣṇu Purāṇa*, um dos mais antigos, está mais de acordo com esse padrão; mas mesmo aqui um grande número de tópicos adicionais é tratado. Em muitos outros Purāṇas os "cinco tópicos" mal são tocados; ao todo o material que ilustra o *pañcalakṣaṇa* constitui apenas cerca de um quadragésimo dos textos atuais. Temas importantes, além dos já mencionados, são os *puruṣārthas*, os quatro objetivos da vida – ou seja, *artha* ou riqueza, *kāma* ou prazer, *dharma* ou regras para a vida, e *mokṣa* ou espiritualidade – as *vratas* ou observâncias religiosas, *śrāddhas* ou ritos para os antepassados falecidos, *tīrtha* ou descrição dos lugares de peregrinação, *dāna* ou doações, *vṛtti* ou meios de subsistência, *rakṣa* ou manifestações de seres superiores, *mukti* ou libertação, *hetu* ou o *jīva* potencial, e *apāśraya* ou Brahman como o amparo.

RC Hazra acha que do terceiro ao quinto século foram adicionados ao *Ur-Purāṇa* aqueles assuntos que formaram o tema das primeiras *smṛtis*, ao passo que do sexto século em diante novos tópicos foram adicionados tratando de lugares sagrados, adoração de imagens, astrologia, e assim por diante, que agora formam a massa do conhecimento purânico. A parte mais antiga e original dos Purāṇas parece ser sua mitologia e história. Muito poucos estudiosos estão inclinados a considerar as listas purânicas de dinastias como de valor histórico considerável. F. E. Pargiter passou a maior parte de sua vida em uma reconstrução da antiga tradição histórica indiana[7] de acordo com

---

[6] Sexto século da Era Comum.
[7] Veja F. E. Pargiter, *Ancient Indian Historial Tradition*.

registros purânicos, e apresentou algumas sugestões muito interessantes em relação à história mais antiga da Índia.[8]

De acordo com uma teoria, os vários Purāṇas surgiram como uma tentativa de fornecer a cada um dos *śākhas* vêdicos um Purāṇa próprio; outra teoria, não menos plausível – especialmente tendo em conta os numerosos *Sthala Purāṇas* ou crônicas locais – conecta os vários Purāṇas com diferentes partes da Índia: "O *Brahmā Purāṇa* pode representar a versão de Orissa da obra original, assim como o *Padma Purāṇa* pode apresentar a de Puṣkara, o *Agni* a de Gāyā, o *Varāha* a de Mathurā, o *Vāmana* a de Thaneśvar, o *Kūrma* a de Banares, e o *Matsya* a dos brâmanes do Narmadā".[9]

O esquema Vaiṣṇava divide os 18 *Mahāpurāṇas* de acordo com os três *guṇas* em *sāttvika* ou Viṣṇu, abrangendo o *Viṣṇu*, *Bhāgavata*, *Nāradīya*, *Garuḍa*, *Padma*, e *Varāha*; *rājasa* ou Brahmā, abrangendo o *Brahmā*, *Brahmāṇḍa*, *Brahmavaivarta*, *Mārkaṇḍeya*, *Bhaviśya*, e *Vāmana*; e *tāmasa* ou Śiva, abrangendo o *Śiva*, *Liṅga*, *Skanda*, *Agni*, *Matsya* e *Kūrma*. Que esse esquema é totalmente inadequado torna-se evidente quando se considera o fato, bastante evidente nos textos atuais, de que vários Purāṇas foram reformulados mais de uma vez a partir de diferentes pontos de vista sectários, combinando características Vaiṣṇava, Śaiva, e Śākta. Os *Upapurāṇas* se prestam ainda menos do que os *Mahāpurāṇas* a uma classificação satisfatória. Nem mesmo o seu número pode ser determinado exatamente. Alguns deles afirmam ser, e têm a posição de, *Mahāpurāṇas*, isto é, eles são *śruti* para os seguidores do grupo específico em questão.[10]

De um modo geral é possível afirmar que os textos dos *Mahāpurāṇas*, como eles foram impressos, foram determinados entre a época de 400 e 1000 da Era Comum, o *Viṣṇu Purāṇa* estando mais próximo da data mais antiga, o *Bhāgavata Purāṇa* mais perto da última; mas não é possível atribuir uma data específica para nenhuma dessas obras, contendo, como elas contêm, matérias de respeitável antiguidade junto com capítulos bastante recentes, tratando, entre outras coisas, da corte de Akbar e dos britânicos na Índia.[11] A maioria dos Purāṇas foi traduzida para o inglês, alguns várias vezes, por diferentes estudiosos, e é muito fácil para qualquer um interessado nessa literatura se familiarizar com os conteúdos e estilo dessa classe de escritos "cuja importância para o desenvolvimento do hinduísmo nunca pode ser superestimada".[12]

Os Purāṇas, como todas as escrituras hindus, dão ao final a sucessão de sábios e santos através dos quais eles foram transmitidos concluindo com um *phala-śloka*, a promessa de recompensa por lê-los:

---

[8] Veja o prefácio em Ibid. criticado por P. V. Kane, *History of Dharmaśāstra*, vol. 5, Parte 2, 851 e seguintes.

[9] M. A. Mehendale, "Purāṇas", em *The History and Culture of the Indian People*, vol. 3, 296.

[10] Assim, o *Devībhāgavata Purāṇa* dos Śāktas afirma ser o verdadeiro Bhāgavata Purāṇa e é aceito como tal pelos Śāktas. Veja C. Mackenzie Brown, "The Origin and Transmission of the Two *Bhāgavata Purāṇas:* A Canonical and Theological Dilemma".

[11] Como faz o *Bhaviṣya Purāṇa*, que afirma ser um antigo livro profético sobre o futuro (*bhaviṣyam*).

[12] Todos os *Mahāpurāṇas* foram publicados, a maioria deles por vários editores; a série Motilal Banarsidass, *Ancient Indian Tradition and Mythology,* visa fornecer uma tradução completa de todos os *Mahāpurāṇas*. Traduções mais antigas estão disponíveis do *Mārkaṇḍeya*, *Bhāgavata*, *Matsya*, *Viṣṇu*, *Agni* e *Garuḍa* Purāṇas. Para os *Upapuraṇas* consulte R. C. Hazra, *Studies in the Upapurāṇas*, dois volumes, e L. Rocher, *The Purāṇas*.

> Quem ouve esse grande mistério que remove a contaminação da Era de Kali ficará livre de todos os pecados. Quem o ouve todos os dias redime todas as obrigações para com *devas*, *pitṛs*, e homens. O mérito grandioso e raramente obtenível que se adquire pela doação de uma vaca marrom é obtido por ouvir dez capítulos desse Purāṇa. Quem ouve todo o Purāṇa obtém seguramente a recompensa que acompanha a celebração ininterrupta do *Aśvamedha*. Quem lê e mantém com fé esse Purāṇa adquire pureza como não existe no mundo, o eterno estado de perfeição.[13]

Além dos textos nos Purāṇas que exaltam os méritos de lê-los, há *Māhātmyas*, Louvores à Grandeza de cada Purāṇa, muitas vezes impressos junto com os textos nas edições disponíveis. Eles derramam profuso louvor sobre os próprios textos e prometem felicidade indizível e recompensa para todos os que recitarem mesmo tão pouco quanto uma fração de um verso ou mantiverem uma parte do livro em suas habitações. Como o *Bhāgavata Māhātmya* diz:

> É melhor preservar em sua casa a metade ou mesmo um quarto de um verso copiado do *Śrīmad Bhāgavata* do que uma coleção de centenas e milhares de outras escrituras. Não há libertação em nenhum momento do laço de Yama para aquele cuja casa não contém uma cópia do *Śrīmad Bhāgavata* na Era de Kali. Eu, o Senhor, tomo minha residência na casa que contém um verso, uma metade de um verso ou mesmo um quarto de um verso do *Śrīmad Bhāgavata* escrito à mão. Eu nunca abandono a pessoa que narra diariamente as minhas histórias e que é atenta ao ouvi-las e cuja mente se deleita com elas.[14]

*Itihāsa-Purāṇa* é literatura excelente, e com traduções mais adequadas tornando-se disponíveis esses livros podem se tornar bastante populares também nos países ocidentais. Eles contêm histórias fantásticas que encantam crianças ocidentais bem como indianas, e oferecem entretenimento também para o amante mais sofisticado de literatura. Tratando como tratam de experiências humanas atemporais, das alegrias e tragédias da humanidade em qualquer lugar, eles falam para uma audiência ocidental bem como para uma indiana.

Estudantes de mitos e símbolos os acharão uma fonte inesgotável não só de materiais, mas também de interpretações e teorias; estudantes de direito comparado e ética encontrarão alguns dos recursos mais interessantes neles. Sua vastidão e sua total falta de uma ideologia específica os tornam muito adaptáveis à mudança e lhes dão grande força e resiliência, sinais de vida vigorosa.

Klaus K. Klostermaier,
*A Survey Of Hinduism.*

---

[13] *Viṣṇu Purāṇa,* 4, 8, 40 e seg.
[14] *Skanda Purāṇa, Viṣṇukhaṇḍa Margaśirṣamāhātmya,* XVI, 30 e seg.